

# Escolas infantis devem regularizar situação em 93

*Medida existe desde 1986, mas agora seu cumprimento será exigido*

LÍGIA FORMENTI

As escolas infantis do Estado de São Paulo, que até julho eram consideradas cursos livres, terão no próximo ano de requerer autorização de funcionamento e habilitação às Divisões Regionais de Ensino. A regra existe desde 1986, mas somente com um parecer do Conselho Estadual de Educação, de junho deste ano, é que seu cumprimento passou a ser exigido. "A medida vai permitir que os pais possam cobrar providências quando depa-ram com alguma irregularidade nos estabelecimentos", avaliou Marisa Teresinha Agostinho, da Coordenação de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo (Cogesp).

A data máxima para que as escolas infantis (para crianças de zero a seis anos) ingressem com um pedido de regularização ainda não foi fixada. "Há várias normas a serem seguidas e, por essa razão, vamos dar um prazo

maior para os estabelecimentos se adaptarem", justificou. Segundo Marisa, um número significativo de escolas já enviou a documentação necessária para a concessão de autorização.

Marisa contou que várias reclamações feitas por pais de alunos de escolas infantis não podem ser checadas. "Há inúmeros estabelecimentos irregulares, sobre os quais a Cogesp não exerce qualquer tipo de controle."

**Arapuca** — Há algumas medidas simples que os pais podem adotar para assegurar que a matrícula de seu filho seja feita em uma escola, não em uma arapuca. Para Marisa, a primeira coisa é perguntar se a escola tem registro e, em caso negativo, se as providências para a regularização foram encaminhadas. "A preocupação do estabelecimento em providenciar a licença já é um bom indício de idoneidade."

É necessário observar algumas características do

prédio onde funciona a escola, os funcionários e também o comportamento dos alunos. Os prédios escolares, por lei, devem ter área útil superior a 0,8 metros quadrados por pessoa. Além disso, precisam ter boa ventilação natural.

É permitida a existência de escadas, desde que elas tenham corrimão e não tenham o formato de caracol. O ideal, no entanto, é que a área onde as crianças circulem seja térrea para evitar os riscos de queda. "A primeira coisa a se observar é o espaço físico da escola", afirma a pedagoga Rosana Dutoit, da creche central da Universidade de São Paulo. Para ela, é preciso que berçários apresentem uma área para os alunos poderem correr e brincar. "Ficar confinada em uma sala é terrível para a criança", avalia. Entre os itens que não devem ser esquecidos estão os banheiros, bebedouros, cozinha e refeitório do berçário ou escola.

## Método é importante na escolha

A escolha do berçário não envolve apenas questões como preço, localização ou estado do prédio. O método pedagógico empregado e o relacionamento entre funcionários, alunos e diretoria também devem ser considerados. "A boa adaptação da criança na escola é o que mais importa", afirmou a pedagoga Rosana Dutoit, da creche central da Universidade de São Paulo.

Rosana considera indispensável que a escola infantil ofereça atividades que reúnam crianças de várias faixas etárias. Segundo ela, estas ocupações proporcionam ao aluno

diferentes experiências, ajudando-o a desenvolver uma interação maior com seus colegas e com tudo que está a seu redor. É preciso ainda que a criança tenha garantido o momento de brincadeiras livres e outro em que desenvolverá trabalhos com crianças de sua idade. O ideal é estabelecer uma sequência dessas atividades durante o dia. "O mais importante é que os pais se identifiquem com o método usado."

A psicóloga Ana Rosa Campana de Almeida Pernambuco, do Centro de Estudos das Relações Mãe-Bebê-Família, afir-

mou que quanto menor a idade, maior a necessidade da criança em manter contato com um adulto. Por essa razão, é preciso checar a quantidade de auxiliares para cada criança e se há muita rotatividade de funcionários. "O bebê sente muito a troca constante de adultos que dedica a ele os cuidados", explicou.

Em crianças muito pequenas, deve ser observada não só a frequência do choro, mas o comportamento como um todo. "Há casos em que o bebê manifesta o desconforto com a nova situação por meio de febre ou diarreia", disse.